

A trans-escrita de si: subversão e dissidência em
A viagem inútil, de Camila Sosa Villada

Fatianny Didier Sampaio Monteiro^{1*} 

José Humberto Rodrigues dos Anjos² 

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Brasil

² Universidade Federal de Goiás (UFG) – Brasil

*Correspondência: fatydidier@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o ensaio autobiográfico *A viagem inútil: trans/escrita* (2024), da escritora travesti Camila Sosa Villada, com o objetivo de problematizar a literatura e a escrita enquanto dispositivos de subversão de identidades hegemônicas. Parte-se da hipótese de que a escrita de si, ao tensionar normas discursivas e sociais, possibilita a emergência de corpos dissidentes como sujeitos de enunciação, agência e existência, desestabilizando regimes normativos que historicamente os marginalizam. A obra em questão é compreendida, portanto, não apenas como narrativa autobiográfica, mas como gesto político e estético de reinscrição. Nesse sentido, investiga-se a articulação entre saber, poder e discurso a partir das contribuições de Michel Foucault (1995; 2012). Mobiliza-se, também, o desenvolvimento conceitual da categoria de gênero à luz da teoria queer de Judith Butler (2003; 2016), enfatizando a performatividade de gênero e a possibilidade de sua subversão por meio de práticas discursivas dissidentes. Tal articulação teórica permite compreender a escrita de Camila Sosa Villada como espaço de resistência e reconfiguração identitária. Como aporte complementar, recorrem-se às reflexões de Candido (2023; 2011), Dalcastagnè (2005) e Lopes (2005), que possibilitam pensar a literatura como campo de disputa simbólica, crítica social e transgressão, sobretudo no que se refere à representatividade de sujeitos historicamente excluídos. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em levantamento bibliográfico, tomando como corpus a obra analisada e textos teóricos centrais para a discussão proposta. Desse modo, busca-se evidenciar como a literatura pode operar como prática crítica capaz de tensionar normas, ampliar horizontes de inteligibilidade e afirmar novas possibilidades de existência.

PALAVRAS-CHAVE:

Camila Sosa Villada
Literatura travesti
Subversão e dissidência
Gênero e literatura
Literatura menor
Corpos dissidentes

Introdução: uma vida travesti, pois é importante dizer

Camila Sosa Villada, é escritora, atriz e dramaturga argentina. É travesti, importante dizer. Nascida em 1982, em Córdoba, é atualmente uma das autoras latino-americanas contemporâneas com importante destaque pela inventividade de sua obra, tendo ela própria nomeado vários de seus livros como uma “ficção científica travesti pobre”¹. Neles, a autora constrói personagens a partir de corpos dissidentes de gênero e sexualidade, dando protagonismo, sobretudo, às travestis, grupo usualmente marcado pelo apagamento e exclusão.

Sua obra é marcada por sujeitos trans-escritos em identidades fragmentadas e plurais. Nesse sentido, Camila Sosa Villada escreve:

Sobre essas travestis como as últimas revolucionárias além dos amantes e também como a última boêmia que conheci. E a última poética que parte de algo tão inesperado como a zona e uma comunidade tão marginalizada como nós, as travestis. [...] É preciso pôr em palavras a peça que falta no inconsciente coletivo. Revelar, dar palavras a isso para que as pessoas leiam e ouçam (Villada, 2024, p.58).

No ensaio autobiográfico *A viagem inútil: Trans/escrita* (2024), a autora narra memórias que marcaram sua trajetória, desde a infância à vida adulta e propõe um exercício reflexivo acerca da relação entre a escrita e o ato de ler, as relações familiares e sociais e a pobreza. A partir desses elementos, a relação com a literatura emerge, não só como um refúgio, mas como possibilidade de sua própria constituição enquanto sujeito.

Dessa forma, o presente artigo se propõe a refletir sobre como corpos dissidentes, a exemplo do de Camila Sosa Villada, são construídos socialmente enquanto ininteligíveis pelo regime discursivo nomeado de heterocisnormatividade. Assim, se fará necessário recorrer às noções acerca da constituição das identidades de gênero e como estas ganham sentido por meio do discurso, fabricando alguns sujeitos e apagando outros. A partir de então,

1 O termo aparece em muitas das entrevistas concedidas pela autora, como está presente na reportagem produzida por Amauri Arraes, no texto sobre cultura e entretenimento intitulado: **“Novelas brasileiras me influenciaram a pensar as tramas”**. Na ocasião, lembrou esta colocação de Sosa Villada, feita na Festa Literária de Paraty (FLIP), ao recusar enquadrar suas obras como pertencente ao realismo fantástico latino-americano. Segundo a autora, o que ela faz, trata-se, na verdade, de “ficção científica travesti pobre”.

analisar como a autora, por meio da literatura, subverte as noções hegemônicas de identidade, humanizando esse “outro” abjeto.

A fim de realizar esse intento, qual seja, pensar a subversão da identidade pela trans/escrita de si em *A viagem inútil* (2024), buscar respaldo nos pressupostos teóricos de Michel Foucault na intenção de compreender as dinâmicas das relações de saber-poder e a constituição do discurso. Em diálogo com este pensador, problematizar as noções usuais acerca da categoria gênero nas contribuições de Judith Butler. Por tudo isso, relacioná-los a perspectiva de Antônio Candido para o qual a literatura é um direito e ao trabalho de Dalcastagnè (2005) e de Lopes (2005), na crítica à literatura, permitindo vê-la enquanto oportunidade para a transgressão.

A viagem inútil: ler, escrever e transgredir

Na obra de Camila Sosa Villada, a literatura emerge não apenas como prática estética, mas como uma espécie de profecia de si, isto é, como um dispositivo de revelação e de constituição subjetiva. Ao afirmar que “o desejo de escrever constata que sou fértil, que sou uma fêmea viável para incubação, ela põe seus ovos e eu os carrego dentro de mim como uma mãe” (2024, p.6), a autora mobiliza uma potente metáfora de gestação para significar a escrita como processo criador, no qual o texto é simultaneamente fruto e meio de elaboração da própria existência.

A escrita, nesse sentido, não se reduz a um ato de expressão, mas configura-se como um espaço de produção de vida, em que o sujeito se (re) inventa e se reconhece. Essa dimensão é reiterada quando Villada afirma que “escrever faz com que eu me encontre comigo mesma” (Villada, 2024, p.11), indicando que o gesto de escrever possibilita um encontro íntimo e reflexivo, mediado pela linguagem, que reordena experiências, afetos e memórias. Assim, a literatura opera como território de autoconhecimento e de reinscrição identitária, sobretudo para sujeitos historicamente atravessados pela exclusão, permitindo que a escrita de si funcione como prática de resistência, de afirmação e de construção de uma existência que, antes, lhe era negada ou interdita.

Nesse sentido, a autora aponta como esse processo a que ela chamou de “travestismo literário” (Villada, 2024, p.23) emerge como possibilidade não só de

sobrevivência, mas, sobretudo, como lugar de existência. De tal modo, Villada subverte, pelo exercício da escrita, a identidade hegemonicamente imposta a ela pela sociedade. Dessa maneira, seu travestismo surge dessa proximidade que a autora manifesta, desde muito cedo, com a literatura. Segundo diz, escrever é como rebelar-se e exige, assim, “um regresso a si mesma” (Villada, 2024b, p.42).

Esse momento da chegada da literatura em sua vida, bem como do exercício da escrita, em paralelo ao seu travestismo de gênero, é narrado em *A viagem inútil: Trans-escrita* (2024). Conforme descreve, ter aprendido a ler e a escrever, bem como a fabular, foram o início da trajetória que permitiu que a criança então nomeada pelos seus pais como Cristian Omar Sosa Villada, pudesse se constituir como a travesti conhecida de hoje: Camila. Por meio dessa viagem, a que a autora chama de “inútil”, ela se trans-escreve em uma identidade, até então, negada a ela.

Minha mulher proibida, meu romance comigo mesma nessa proibição, deram lugar à mulher que sou agora, a essa mulher escritora na qual me nasci. A travesti é irmã da escrita nessa viagem de renúncia que apresentei aos meus pais. A escrita e o travestismo são as armas que usei para me entregar à vida como órfã (Villada, 2024, p.30).

O ato de escrever chegou à autora como um gesto de amor ofertado pelo seu pai, aos quatros anos de idade. Na ocasião, ela se lembra de como aquela “memória muito antiga”² foi o momento pelo qual ela e seu pai puderam, durante toda uma vida, compartilhar um espaço de vínculo diferente da dor, tão próprio à relação familiar que esteve inserida. Na infância, convivia com um pai alcóolatra, uma mãe entregue às violências cotidianas e a pobreza e o relacionamento abusivo dos dois.

Tenho muitos cadernos onde escrevo tudo o que meu pai me ensina. Sempre que ele volta do trabalho ou quando escapa da sua outra família e vem nos visitar, me dedica esse gesto de amor. Eu aprendo rápido. [...] Por uma única vez, temos um espaço que não precisa de intermediário. Isso nunca mais vai acontecer entre nós. A escrita nasce desse momento (Villada, 2024, p.6).

De modo semelhante, a literatura surge na vida da autora, pelas mãos de sua mãe. A partir de então, para ela, será “impossível dissociar a aprendizagem

² Em *A viagem inútil: Trans/escrita* (2024), Camila Sosa Villada inicia seu ensaio com a seguinte frase: “Uma lembrança muito antiga” (Villada, 2024, p.5). Neste artigo, uso a referência para ressaltar o momento em que a autora se depara com a escrita em sua vida.

da leitura dessa unha de esmalte descascado que vai percorrendo palavra por palavra" (Villada, 2024, p.9). Morando no campo, em uma casa sem eletricidade, ela passava horas com sua mãe, juntas por meio da leitura. A mãe a presenteava com diversos livros infantis, tendo comprado até mesmo uma bíblia para crianças e que, por esse vínculo ocasionado pela literatura, sentiam-se protegidas do abandono da vida e de seu pai.

Ao adentrar o universo da leitura e da escrita, Camila Sosa Villada encontra não apenas um refúgio para sua solidão, mas também um espaço de reconfiguração de si. Esse movimento implica um progressivo distanciamento do núcleo familiar e do contexto social de origem, uma vez que, como afirma, "o mundo conhecido, o da minha família, o dos meus pais, o mundo desse lugarejo inóspito, deixa de me interessar completamente" (2024, p.10-11).

A imersão na leitura, portanto, não se limita a uma prática de evasão, mas constitui-se como gesto de ruptura simbólica com um ambiente que lhe era restritivo e, em certa medida, inóspito à sua existência. A partir desse deslocamento, a autora passa a construir, por meio da linguagem, um espaço outro, no qual não apenas pode sobreviver, mas, sobretudo, existir em termos mais amplos e legítimos.

Trata-se, assim, da criação de um território simbólico que lhe possibilita elaborar sua subjetividade, reinscrever sua experiência e afirmar-se enquanto sujeito, conforme ela mesma indica ao prosseguir em sua reflexão:

Escrevo diretamente inspirada pelo que leio. Imito as paisagens, os tons, invento crianças selvagens criadas por animais, escrevo poemas de amor às minhas professoras, aos meus pais, e assim, como se não fosse nada, salvo a minha vida. Salvo minha tristeza. Invento um mundo só para mim (Villada, 2024, p.13).

Em certo momento, quando diante da impossibilidade de sua mãe continuar a lhe comprar livros, entre os diversos momentos em que a pobreza a visitava, ela encontrou em uma "velha xamã" (Villada, 2024, p.21), uma amiga. Uma mulher conhecida por ter uma biblioteca e que permitia que as crianças da região fizessem as atividades escolares em sua casa, recorrendo aos livros. Para Camila aquela oportunidade a abria para um universo múltiplo de possibilidades.

Aquela que considerou como sua mentora; lhe dedicou, além dos livros, a

confiança de que ela poderia escrever, ainda que seu pai sempre tivesse sido contrário à possibilidade por não a considerar produtiva o suficiente. Escrever foi sua primeira transgressão frente ao que sua família esperava dela, para depois emergir o seu travestismo literário:

Meu primeiro ato oficial de travestismo não foi sair à rua vestida de mulher, como todas costumam fazer. Meu primeiro ato de travestismo foi pela escrita. Tinha começado o ensino médio e estava apaixonada pelo professor de educação física. Perdida e confusa, sem poder contar a ninguém meu maior segredo, decidi começar a escrever. Dei à luz um alter ego com o nome mais óbvio que poderia me ocorrer: Soledad. Soledad era eu mesma como protagonista de um romance horrível em que eu me apaixonava por um professor do ensino médio. [...] Esse romance, no qual pela primeira vez eu falava de mim como uma mulher, não teve fim (Villada, 2024, p.22)

Dando destaque a esse ato que Camila Sosa Villada conta em seu ensaio autobiográfico, propõe-se analisar como o gesto da autora, de escrever a si mesma por meio da literatura, se relaciona com as discussões teóricas sobre identidade e gênero. Para isso, refletir acerca do funcionamento do discurso e dos campos do saber/poder como mecanismos de manutenção de lógicas hegemônicas. Ademais, pensar de que forma a transgressão pela literatura pode viabilizar identidades “incoerentes” e corpos dissidentes?

Hall (2024), ao traçar um panorama histórico das transformações pelas quais o conceito de identidade tem passado ao longo do tempo, parte de uma concepção moderna de sujeito centrado, unificado e estável, e ao demonstrar como as noções tradicionais de identidade vêm sendo progressivamente deslocadas em decorrência das profundas mudanças socioculturais da contemporaneidade se alinha ao que estamos discutindo nesse artigo.

Nesse contexto, emerge uma concepção mais dinâmica e processual, que Hall denomina de “identidades fragmentadas” (2024, p.9), marcada pela multiplicidade, pela instabilidade e pela constante negociação entre diferentes pertencimentos e posições de sujeito. Tal perspectiva rompe com a ideia de uma essência fixa e imutável, compreendendo a identidade como construção histórica e discursiva, atravessada por relações de poder, diferenças culturais e deslocamentos simbólicos. É nesse sentido que o autor argumenta que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando

as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, muitas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (Hall, 2024, p.10).

Tais deslocamentos, argumenta o sociólogo, tem a ver com uma gama variada de “rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (Hall, 2024, p.22), que, dentre outros aspectos, perpassam os campos do saber/poder e do discurso (em Michel Foucault) e da relação da identidade com um processo de generificação (pelas teóricas feministas). Essas duas últimas perspectivas, interessando mais detidamente a esse artigo, com o intuito de compreender como a ideia, até então, predominante, de uma identidade coerente e fixa, exclui certos corpos do domínio da inteligibilidade, entrecruzando discurso, gênero e identidade.

Segundo o filósofo e historiador francês Michel Foucault (2012), diferentes forças sociais estabelecem domínios de poder pela articulação entre discursos e técnicas de saber, de forma que, não é possível existir poder sem que haja a constituição de um saber correspondente. Sendo o discurso, entendido como: “um grupo de pronunciamento que proporciona uma linguagem para falar sobre um tópico ou um momento histórico – uma forma de representar o conhecimento sobre tais temas” (Hall, 2016, p.80).

Dessa maneira, uma rede de relações sociais, representações culturais e aparatos institucionais atuam produzindo sujeitos e identidades. Corpos e sexualidades são investidos de uma série de demandas educacionais, culturais, religiosas, jurídicas, médicas e científicas com o objetivo de serem apreendidos socialmente dentro das expectativas da normalidade, como o discurso “verdadeiro” (Louro, 2022). Por conseguinte, outras identidades e corpos serão marginalizados e concebidos enquanto aberrantes e abjetos.

Judith Butler (2016), filósofa e feminista dos estudos queer, pensa a noção de identidade ao relacioná-la às problemáticas do gênero e da sexualidade. Dialogando com a concepção de discurso em Michel Foucault, a autora também defende a identidade como “um efeito de práticas discursivas” (2016, p.45). Estabelecendo um sentido próximo à identidade fragmentada de Stuart

Hall, a autora faz a seguinte indagação: “o que pode então significar “identidade”, e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes?” (2016, p.42).

Segundo a autora, as “normas de inteligibilidade socialmente instituídas” (Butler, 2016, p.43) no interior de um regime discursivo heterocisnormativo constroem a identidade enquanto um “ideal normativo” e, com isso, a ideia de pessoa enquanto um “sujeito singular” se dá por meio da exclusão de grupos que não se conformam a esse ideal. Esse regime compulsório se constrói a partir de uma falsa aparência de normalidade e institui as identidades que podem ou não ser consideradas “verdadeiras”, taxando aquelas que não se conformam a essa estrutura contínua do gênero/sexo/desejo como identidades falhas, relegadas à exclusão.

Logo, é a definição do “abjeto” que irá delimitar as fronteiras da identidade que não podem ser transpostas e, com isso, fará emergir as identidades possíveis/verdadeiras. O corolário desse raciocínio é que os corpos não conformes, não poderão ser considerados humanos.

Feministas travestis e transgênero têm denunciado a abnegação com que esse sistema normativo discursivo tem lhes negado a existência. A exemplo, Letícia Nascimento, transfeminista brasileira, pontua que o processo de desumanização das mulheres transgêneras promove a “bestialização” de suas existências, sendo consideradas “forasteiras da humanidade, estrangeiras do gênero” (2021, p.49).

O conceito de gênero ainda carrega as noções naturalizantes que fixam a normalidade/humanidade a partir da oposição homem/pênis e mulher/vagina, sustentando-se a partir da cisgeneridade. Conforme destaca Viviane Vergueiro Simakawa, outra transfeminista brasileira, a cisgeneridade é entendida como “a identidade de gênero daquelas pessoas cuja “experiência interna e individual do gênero” corresponda ao “sexo atribuído no nascimento” (2015, p.44). A identidade de gênero, no entanto, pode ou não corresponder ao sexo atribuído ao nascer.

O ativismo transfeminista tem desempenhado um papel central nas disputas contemporâneas por reconhecimento, ao reivindicar que as identidades transexuais sejam plenamente compreendidas em sua condição de

humanidade. Nesse processo, evidencia-se o caráter político das lutas por visibilidade e dignidade, na medida em que tais movimentos denunciam as múltiplas formas de opressão que incidem sobre mulheres trans, historicamente situadas à margem dos regimes normativos de reconhecimento. Ao tensionar essas estruturas, o transfeminismo explicita como determinadas vidas são sistematicamente deslegitimadas, sendo classificadas como abjetas no interior de relações de poder que regulam os corpos e as identidades.

Nesse sentido, a crítica transfeminista dirige-se, sobretudo, às bases heteronormativas que sustentam a construção social do gênero, questionando sua pretensa naturalidade e estabilidade. Ao não se conformarem às noções fixas e essencialistas de identidade, as experiências transexuais desestabilizam os binarismos tradicionais e revelam o caráter construído, performativo e contingente do gênero. Assim, o ativismo transfeminista não apenas denuncia a exclusão, mas também propõe novas formas de inteligibilidade e reconhecimento, ampliando os limites do que pode ser entendido como humano e afirmando a legitimidade de existências que historicamente foram silenciadas ou invisibilizadas.

Como descreveu-se até aqui, a identidade que foi historicamente construída a partir de normas de coerência entre os conceitos de gênero e sexo, se vê desestabilizada em face de grupos “ininteligíveis” de gênero e sexualidade, que insistem em existir. Como pontuado por Bhabha, “encontramo-nos no momento de trânsito em que tempo e espaço se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade” (1998, p.19). Por isso:

O que é teoricamente inovador e politicamente cultural é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p.20).

Sendo o gênero constituído como o produto de “diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas” (Lauretis, 2019, p.126) e, sendo o simbólico “entendido como a dimensão normativa da constituição do sujeito sexuado dentro da

linguagem” (Butler, 2019, p.187), seria possível considerar a literatura, um mecanismo de subversão das normas identitárias usuais, pela fabulação de sentidos diversos daqueles definidos pelo discurso hegemônico, ao viabilizar essas identidades negadas, como feito por Camila Sosa Villada em *A viagem inútil* (2024)? É o que se pretende demonstrar, a seguir.

Se o discurso produz poder, reforçando-o muitas vezes em intersecções excludentes de grupos marginais, ele também pode se apresentar enquanto um discurso de reação, de modo a reivindicar a legitimidade desses mesmos grupos, de maneira estratégica, a partir de correlações de outras forças que tornem possível o confronto e o estabelecimentos de novos discursos.

Foucault (1995) já apontava que a análise das relações de poder não pode se restringir à identificação de suas formas de dominação, sendo igualmente fundamental considerá-las a partir dos antagonismos que as atravessam e das estratégias de resistência que nelas se inscrevem. Nesse sentido, torna-se imprescindível, como afirma o autor, “compreender o que são as relações de poder” e, simultaneamente, “investigar as formas de resistência” (1995, p.234), uma vez que o poder não se exerce de maneira unilateral ou absoluta, mas se constitui de forma relacional, dinâmica e capilar. Tal perspectiva desloca a compreensão tradicional do poder como algo centralizado, evidenciando-o como uma rede de forças que atravessa os sujeitos e os produz, ao mesmo tempo em que é por eles tensionada.

Desse modo, o filósofo está indicando que a resistência não se encontra fora ou à margem do poder, mas é sua condição de possibilidade. As práticas de resistência, portanto, não apenas reagem às imposições normativas, mas também produzem fissuras, deslocamentos e reconfigurações nos próprios dispositivos de poder. Essa compreensão é particularmente relevante para pensar experiências dissidentes, como as identidades trans, cujas existências, ao desafiar normas hegemônicas, instauram formas de resistência que desestabilizam os regimes de verdade e ampliam os horizontes de reconhecimento e de possibilidade de vida.

No campo da dissidência, as narrativas sobre “as margens” podem ganhar protagonismo enquanto mecanismos contra-hegemônicos de produção de discursos fora da norma heterociscentrada. O que em certa medida é visto como

uma “literatura menor”, pode atuar enquanto estratégia para a construção de saberes e verdades outras.

Como referido por Deleuze e Guattari no livro *Kafka: Por uma literatura menor* (2024), o entendimento acerca de uma literatura menor surge a partir da experiência de Kafka, um judeu que vivia em Praga, há época sob o domínio alemão e que escreveu a partir da língua do dominador. Se refere, nesse contexto, não a uma literatura que se faz menor em termos de qualidade, “mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (Deleuze e Guattari, 2024, p.35). Uma literatura menor, pois, permite a subversão da própria língua pelo exercício da linguagem.

Nesse diapasão, a literatura enquanto um território de saber-poder, pode operar para além do reforço de estereótipos e legitimação de processos de exclusão, ela também pode constituir-se como um potente mecanismo de poder-resistência. Nessa perspectiva, a produção literária não se limita à reprodução de discursos hegemônicos, mas pode atuar como contradiscurso, desestabilizando narrativas normativas e conferindo visibilidade a experiências historicamente marginalizadas. Trata-se, portanto, de compreender a literatura como um campo de disputa simbólica, no qual se confrontam diferentes regimes de verdade e modos de representação, especialmente no que diz respeito às identidades dissidentes.

Nesse sentido, a chamada literatura de dissidência emerge como espaço privilegiado de enunciação de sujeitos subalternizados, possibilitando a reinscrição de suas vivências e a construção de outras formas de inteligibilidade. Ao lançar luz sobre trajetórias e corpos silenciados, esses textos não apenas denunciam estruturas de opressão, mas também produzem novos imaginários, ampliando os limites do que pode ser reconhecido como legítimo e humano. É nesse horizonte que se inscreve a reflexão de Lopes (2005, p.33), para quem:

A literatura de dissidência carrega (por se construir extra-escolarmente e extra-hegemonicamente) uma proposta ideológica de leitura contra-ideológica do mundo. [...] Os textos narrativos de dissidência se definem fundamentalmente por um discurso diferenciado do canônico-escolar. Ao reconhecê-lo - e precisamente por isso - se afastam da linguagem e do mundo hegemônicos.

Como apontam os estudos da pesquisadora e crítica literária Regina

Dalcastagnè (2005), quando analisou os romances contemporâneos brasileiros em determinado período, há um desaparecimento de determinados grupos sociais, em destaque para pretos e pobres, mas não só, como percebe-se também ocorrer com as mulheres e a população LGBTQIAPN+. Conforme a autora demonstra:

Se negros e pobres apareciam pouco como personagens, como produtores literários eles são quase inexistentes. A partir dessas ausências, foram-se constatando outras, entre as personagens mesmo – das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e até das mulheres. Se eles estão pouco presentes no romance atual, são ainda mais reduzidas as suas chances de terem voz ali dentro. Os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média... (Dalcastagnè, 2005, p.15).

Dalcastagnè chama a atenção para a importância de que a literatura seja mais plural e de como “reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas” (Dalcastagnè, 2005, p.14). Na linha do que ensina outro teórico e crítico literário brasileiro, Antonio Candido (2023), isso é possível pois o fazer literário está relacionado ao seu contexto histórico, cultural e social, consoante afirma:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. (Candido, 2023, p.85)

Nesta perspectiva, a literatura de dissidência, como a realizada por Camila Sosa Villada, reconhece a relação dialógica do texto com o poder e as relações socialmente construídas, pois que se a literatura é entrecruzada por relações de poder, ela também pode produzir efeitos de poder capazes de modificar o imaginário social e subverter o que, no seio da sociedade, é visto como abjeto. Este tipo de produção literária que privilegia grupos social e politicamente invisibilizados, torna-se campo de luta simbólica e reafirmação de humanidades negadas. Segundo aponta Candido:

Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a literatura social, na qual

pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades. (Candido, 2011, p.180)

Em *A viagem inútil* (2024), a autora irrompe o tradicional, ao recorrer à literatura para jogar luz a sua identidade travesti. Escrevendo a si, ela faz do incompreensível, resistência, humanizando o corpo negado. A escrita de outras histórias para corpos dissidentes foi um caminho para novas possibilidades de existência: "meu segredo, escrever e ser travesti, expulsou-os do meu mundo e me salvou do ódio deles" (2024, p.29).

A identidade hegemônica que a sociedade impõe é, dessa forma, subvertida pelo exercício da escrita. Escrevendo ela encontra a si, elabora suas memórias e consegue sobreviver a elas, bem como, à realidade de exclusão a que fazia parte. Sua relação com a literatura emerge, não só como um refúgio, mas como possibilidade de sua própria constituição enquanto sujeito inteligível socialmente e, por fim, como reparação, posto que, como bem escreveu Candido, "toda obra literária pressupõe esta superação do caos" (Candido, 2011, p.178). O que Camila Sosa Villada, confirma:

Se eu não escrevesse, é bem possível que minha vida tivesse sido um inferno. Eu teria me suicidado, cansada de ser invisível até para mim. Eu teria me matado sem a escrita, nem que fosse para chamar atenção, por ser estúpida, por fazer isso muito bem. Por me matar bem. Fantasiava que me encontravam morta num altar como uma virgem latina trans, depois de deixar o gás aberto. Apoiada na mística. Sem a escrita, não havia possibilidade de viver. (Villada, 2024, p.28)

Mas, não só, escrever foi um mecanismo desenvolvido pela autora a fim de recuperar a voz silenciada pelas relações de saber-poder que, pelas "verdades" pré-estabelecidas sobre os corpos divergentes, invisibilizam os corpos travestis: "estou na parte da história na qual nós travestis recuperamos nossa voz, e é necessário usar essa voz" (Villada, 2024, p.31). Nesse sentido, ao se "trans-escrever" pela literatura, esta se constitui enquanto campo de resistência, permitindo que tantas outras identidades resistam também.

Conclusão: insurgências para pensar humanidades possíveis.

A viagem inútil (2024), da escritora travesti argentina Camila Sosa Villada,

possibilita, por meio da escrita de si, a reconfiguração das categorias de identidade e gênero em sua intrínseca relação com a literatura. Partimos do pressuposto de que a prática autobiográfica, longe de se limitar à dimensão do relato pessoal, constitui-se como gesto político e estético, capaz de tensionar normas e deslocar regimes de inteligibilidade que historicamente marginalizam corpos dissidentes.

Nesse sentido, ao refletir sobre como a literatura e a escrita podem operar como dispositivos de subversão de identidades hegemônicas, observamos como a emergência de corpos dissidentes enquanto humanidades possíveis e reconhecíveis, torna-se ponto de contraposição a uma literatura ainda sustentada pelo cânone.

A partir do esboço das memórias da autora, em sua narrativa autobiográfica, demonstramos como a literatura se configura como linguagem fundamental não apenas para a sobrevivência simbólica, mas também como meio de elaboração de si e de produção de uma identidade dissidente anteriormente concebida como impossível.

Os excertos analisados evidenciam o papel transformador e emancipador da escrita frente a uma realidade marcada por múltiplas formas de marginalização, violência e exclusão, revelando a potência da linguagem na constituição de novas possibilidades de existência. A análise, sobretudo no que se refere à compreensão dos discursos como instâncias produtoras de saber/poder e, conseqüentemente, legitimadoras de corpos hegemônicos somadas às contribuições teóricas de Judith Butler, demonstram como determinadas vidas são reconhecidas como humanas, enquanto outras são relegadas à condição de abjeção.

Por isso fica marcado em nossa análise, como a articulação entre discurso, saber e poder institui hierarquias de humanidade, operando simultaneamente pela inclusão e exclusão de sujeitos. Nesse cenário, a literatura compreendida em seu caráter insurgente, com base nas contribuições de Lopes (2005), Dalcastagnè (2005) e Candido (2004; 2023), emerge como um campo de disputa simbólica capaz de problematizar desigualdades e tensionar processos desumanizadores, como aqueles que incidem sobre a população transexual e travesti.

A “trans/escrita” de si, conforme proposta por Camila Sosa Villada, evidencia

que o discurso não apenas reproduz estruturas de poder, mas também pode constituir-se como prática de resistência, reinscrição e reexistência, abrindo espaço para a afirmação de outras narrativas, corpos e modos de ser no mundo. Ao deslocar os limites do dizível e do representável, essa escrita inscreve no campo simbólico experiências que foram historicamente silenciadas, produzindo fissuras nos regimes normativos que definem quem pode ou não ser reconhecido como sujeito.

Por isso, a escrita de si assume um caráter insurgente, na medida em que confronta diretamente os dispositivos de exclusão e reivindica novas formas de inteligibilidade e pertencimento, pois mais do que narrar trajetórias individuais, tais práticas discursivas convocam uma reflexão ampliada sobre os modos de produção da vida social e sobre a urgência de reconhecer a pluralidade das existências. É, portanto, nesse horizonte crítico e político que se torna imprescindível discutir as insurgências para pensar humanidades possíveis.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi Kharshedji. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo*. n-1 edições, 2023. E-book. Disponível em: https://transreads.org/wp-content/uploads/2021/07/2021-07-28_61015fcd45193_CorposqueimportamoslimitesdiscursivosdosexoPortuguezeEditonbyJudithButlerz-lib.org_.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. Disponível em: https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Todavia, 2023. E-book. Disponível em: <https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/candido011.pdf>
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Editora Ouro sobre o azul, 2011.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. 2005. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (26), p.13-71.
- Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 23 jan. 2026.
- DELEUZE, Guilles; Guattari, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/4672269/Kafka_Para_uma_literatura_menor_Deleuze_and_Guattari. Acesso: 23 jan. 2026.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o Poder*. In: Dreyfus, Hubert L. e Rabinow, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Disponível em: https://monoskop.org/images/2/29/Rabinow_Paul_Dreyfus_Hubert_Foucault_Uma_trajetoria_filosofica.pdf. Acesso em: 23 jan. 2026.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina: 2024.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-rio: Apicuri, 2016. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso: 23 jan. 2026.

- LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia de gênero*. In: Hollanda, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras_digitalizadas/heloisa-buarque-de-hollanda-pensamento-feminista-conceitos-fundamentais-bazar-do-tempo-2019.pdf. Acesso em: 7 jan. 2026.
- LOPES, Cícero Galeano. *Literatura e poder: a contribuição da literatura de dissidência*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. (org). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. 4ª Ed. 4ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. 1ª Reimp. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- VILLADA, Camila Sosa. *A viagem inútil: Trans/escrita*. São Paulo: Fósforo, 2024.
- VILLADA, Camila Sosa. "Novelas brasileiras me influenciaram a pensar as tramas", diz escritora argentina Camila Sosa Villada. *Glamurama*. 16 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://glamurama.com.br/cultura-e-entretenimento/novelas-brasileiras-me-influenciaram-a-pensar-as-tramas-diz-escritora-argentina-camila-sosa-villada/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

La trans-escritura de sí: subversión y disidencia en *A viagem inútil (El viaje inútil)*, de Camila Sosa Villada

RESUMEN

Este artículo analiza el ensayo autobiográfico *El viaje inútil: Trans/Escritura* (2024), de la escritora travesti Camila Sosa Villada, con el objetivo de problematizar la literatura y la escritura como herramientas de subversión de las identidades hegemónicas. Parte de la hipótesis de que la escritura de sí, al tensionar las normas discursivas y sociales, posibilita la emergencia de cuerpos disidentes como sujetos de enunciación, agencia y existencia, desestabilizando los regímenes normativos que históricamente los marginan. La obra en cuestión se comprende, por tanto, no solo como narrativa autobiográfica, sino como gesto político y estético de reinscripción. En ese sentido, se investiga la articulación entre saber, poder y discurso a partir de las contribuciones de Michel Foucault (1995; 2012). Asimismo, se moviliza el desarrollo conceptual de la categoría de género a la luz de la teoría queer de Judith Butler (2003; 2016), enfatizando la performatividad del género y la posibilidad de subvertirlo a través de prácticas discursivas disidentes. Dicha articulación teórica permite comprender la escritura de Camila Sosa Villada como espacio de resistencia y reconfiguración identitaria. Como aporte complementario, se recurre a las reflexiones de Candido (2023; 2011), Dalcastagnè (2005) y Lopes (2005), que posibilitan pensar la literatura como campo de disputa simbólica, crítica social y transgresión, especialmente en lo que respecta a la representación de sujetos históricamente excluidos. Metodológicamente, la investigación se fundamenta en un levantamiento bibliográfico, tomando como corpus la obra analizada y los textos teóricos centrales para la discusión propuesta. De este modo, se busca evidenciar cómo la literatura puede operar como práctica crítica capaz de tensionar normas, ampliar horizontes de inteligibilidad y afirmar nuevas posibilidades de existencia.

PALABRAS CLAVE:

Camila Sosa Villada
Literatura travesti
Subversión y disidencia
Género y literatura
Literatura menor
Cuerpos disidentes

SUBMETIDO: 16 de abril de 2026 | **ACEITO:** 11 de junho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
